Lideranças Indígenas acima e abaixo do Equador

ROQUE DE BARROS LARAIA

R. David Edmunds * preferiu organizar um livro sobre os líderes indígenas americanos, que, reconhecendo a "inevitabilidade da situação histórica, tentaram por outros caminhos que não os da guerra encontrar uma trilha de segurança para seus povos" (ix). A razão de sua preferência por esses líderes ao invés dos grandes chefes guerreiros deve-se ao fato de que esses últimos foram objetos de estudos no livro de Alvin M. Josephy, *The Patriot Chiefs: A Chronicle of American Indian Resistance*, publicado, originalmente, em 1961.

Edmunds alega que apenas abriu espaço para duas exceções: Satanta e Sitting Bull, dois heróis indígenas que se sacrificaram no intento de manter o modo de vida tradicional de seus povos. Reagiram às ações dos brancos, foram derrotados, aprisionados e as suas tribos confinadas em reservas. Após sua libertação, Sitting Bull retornou ao seu povo, aderiu ao movimento messiânico "Ghost Dance" e foi assassinado. Satanta assentiu em fazer um acordo em troca de sua libertação, mas quando foi novamente preso "buscou a liberdade na única maneira que lhe foi permitida: o suicídio" (p. X).

O livro, organizado pelo professor de História da Texas Christian University, consiste de uma coletânea que reúne vários outros historiadores. Inicia-se pelo ensaio do próprio organizador sobre "Old Briton", chefe Miami do século XVIII. Seguem-se "Joseph Brant", chefe Mohawk, por James O'Donell; "Alexander McGillivray", líder Creek, por Michael D. Green; "Red Bird", chefe Winebago, por Martin Zanger;

* Edmunds, R. David (organizador). *American Indians Leaders. Studies in Diversity*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1980, xiv + 257 p.

"John Ross", Cherokee, por Gary Moulton; "Washakie", Shosshone, por Peter Wright; "Quanah Parker", Comanche, por Willian Haggan; "Denis Brushyhead", Cherokee, por M. Graig Minner; "Carlos Montezuma", conhecido como Apache, mas realmente um Yavapai, por Peter Iverson, que também escreveu sobre "Peter MacDonald", líder Navajo contemporâneo.

A verdade é que através dos relatos dos autores citados acima fica evidente que os caminhos da guerra não foram desconhecidos da maioria desses líderes, nem mesmo de MacDonald, que participou da segunda guerra mundial como um dos "Code Talkers", usando a língua Navajo como parte de um código que embaraçou os serviços de escuta japoneses. O que se pode dizer de muito dos biografados é que aprenderam à custa de duros reveses, que a única possibilidade que lhes restava era a de se adaptarem a uma nova ordem histórica e tentarem manipulá-la em favor de suas tribos.

Alguns deles, como Old Briton e Joseph Brant, fracassaram. Os seus fracassos podem ser explicados ou porque avaliaram erradamente a situação real ou confiaram em demasia nas palavras dos brancos. O primeiro, sob o domínio francês, tentou melhorar a situação de seu povo, indo ao encontro dos ingleses, esperando destes a proteção contra os seus algozes. O segundo tomou posição contra os americanos na Guerra da Independência, permanecendo ao lado dos britânicos.

O mérito desses líderes, entretanto, foi o de perceber que a luta armada resultaria no extermínio total de seus povos. Assim, buscaram, através de uma "diplomacia vermelha", assegurar a sobrevivência de suas comunidades. E alguns deles, como John Ross, foram extremamente hábeis em suas manobras.

Mais do que uma crítica do livro, esta resenha tem como objetivo mostrar o interesse do mesmo para os estudiosos dos problemas indigenistas no Brasil. Interesse este que aumenta quando temas como "lideranças indígenas", "federações indígenas", "assembléias indígenas" etc. estão presentes em nossa atualidade, além do fato de que os grandes líderes do passado continuam, ainda, aguardando a atenção dos nossos historiadores.

É interessante constatar que apesar das diferenças entre os chefes indígenas americanos e brasileiros, a história de ambos possui uma evidente semelhança, daí o interesse maior do livro de Edmunds. Da mesma forma que ocorreu entre nós, o fatalismo histórico interrompeu o curso normal das sociedades tribais da América do Norte, colocando-as em confronto

com um inimigo de ilimitada capacidade de expansão e predação.

Lá como cá, o branco melhor era aquele que ficava mais distante. Tal fato explica porque Old Briton preferiu os ingleses aos franceses e Joseph Brante conseguiu ser o mais odiado dos aliados britânicos durante a Guerra da Independência. Os colonos americanos o consideravam como "o ser mais feroz jamais produzido pela natureza humana" (p. 21). Idéia esta que contrastava com a opinião inglesa que o considerava extremamente gentil e dotado de bons sentimentos. Colocado entre dois mundos estranhos, Brant aprendeu que um era constituído de oficiais coloniais (civis ou militares) que ansiavam pelo término de suas missões para poderem regressar às suas casas; enquanto o outro era representado por aqueles que invadiam as suas terras, exterminavam os seus búfalos e ameaçavam o futuro de seu povo. Por isto, optou pelos primeiros e, quando os ingleses foram derrotados Brant, com muitos dos seus, migrou para o Canadá.

Não há dúvida que esse exemplo tem muito a ver com as relações que os nossos índios guardam com o poder central, pois consideram que, se existe uma pálida esperança de apoio, este só virá do Governo Federal e não daqueles que estão diretamente envolvidos com a expoliação dos territórios tribais. Um outro paralelismo, contudo, é o que mostra que, em todos os acordos que os líderes americanos fizeram com os brancos, acabaram sempre perdendo. E esta perda era, na maioria das vezes, expressada em termos da diminuição de seus territórios tribais.

Outro fato interessante a ser notado nas biografias dos heróis tribais é que a maioria deles teve um contato maior com o mundo dos brancos, freqüentando, em sua juventude, algum estabelecimento escolar. Brant, por exemplo, permaneceu de 1761 a 1763 em uma escola em Libanon, Connecticut, além de ter aprendido com missionários anglicanos a escrever fluentemente em Mohawk. Somente foi retirado da escola, antes do término normal, porque sua irmã, uma influente voz no conselho iroquês, ficou indignada ao saber que ele estava trabalhando em horticultura, atividade esta considerada exclusivamente feminina. Alexander McGillivray, o líder Creek que chegou a ser comparado a Maquiavel, despendeu quatro anos em uma escola em Charleston. John Ross, famoso chefe Cherokee, estudou em Kingston, no Tennessee, e transformou-se num bem sucedido comerciante, obtendo do governo federal lucrativos contratos de abastecimentos para os índios

e soldados. Isto sem falar em Montezuma, que conseguiu formar-se em medicina e MacDonald em engenharia elétrica.

A constatação de fatos como esses negam a validade de certas vozes do poder público que, entre nós, insistem em não aceitar a legitimidade de alguns líderes sob a alegação de que não são mais índios pois já freqüentaram uma escola e conhecem em demasia a nossa sociedade. A experiência americana confirma que o sentimento de lealdade e a identidade tribal não podem ser destruídos por um efêmero período de escolaridade ou de vida urbana.

Por mais fascinantes e ilustrativos que sejam os estudos sobre os líderes do passado, como a maioria dos casos apresentados, o exemplo do líder Navajo Peter MacDonald tem muito a ver com a realidade atual e, principalmente, com o futuro de nosso indigenismo. Por isto, concentramos sobre ele a nossa atenção.

Nascido em 16 de dezembro de 1928, numa pequena comunidade situada na Reserva Navajo, MacDonald foi, inicialmente, educado dentro de sua própria língua e tradição. Com o início da segunda guerra mundial, alistou-se nas Forças Armadas — como 25 mil outros índios americanos —, indo servir no Corpo de Fuzileiros Navais, onde atuou como membro dos "Code Talkers", do qual foi desmobilizado com honras em 1946. Dois anos mais tarde, matriculou-se no Bacone Junior College em Muskogee, Oklahoma. Em 1957, graduou-se na Universidade de Oklahoma como engenheiro elétrico. Durante os seis anos seguintes, trabalhou em fábrica de aviões ao mesmo tempo que cursava uma pós-graduação em administração na Universidade de Califórnia, *campus* de Los Angeles.

Em 1963, foi indicado pelo Governador do Novo México para o Economic Development Advisory Board, transformando-se no primeiro membro índio desse Conselho de nove titulares. Nesse mesmo ano, voltou para a reserva para ocupar o cargo de diretor do Office of Navajo Economic Opportunity (ONEO). Graças à sua gestão, em 1967, o ONEO empregava trinta e quatro Navajo nas quarenta posições administrativas existentes. Nesse mesmo período, somente quarenta e seis não índios existiam nos 2 720 empregos controlados por aquele órgão.

Em 1970, foi eleito chefe dos Navajo, obtendo setenta e cinco por cento dos votos. Como líder da maior tribo norte-americana, MacDonald começou uma árdua luta em favor de uma maior autonomia para o seu povo. Freqüentemente, tem criticado o Bureau of Indians Affairs (o órgão indigenista do Governo Americano) pelo fracasso em assumir as

suas responsabilidades. E acredita que o mesmo seria mais eficiente ligado, diretamente, à Casa Branca e não como parte do Departamento de Interior, onde as reivindicações indígenas são submersas por uma série de interesses conflitivos. MacDonald tem lutado para revogar o acordo firmado em 1968, que priva os Navajo de grande parte de suas reservas de água, limitando a utilização, pelos índios, do rio Colorado. Para o chefe Navajo, isto tem muito a ver com o futuro de sua nação: "se quisermos reter nossa cultura e permanecer como uma entidade tribal em nossas terras tradicionais, temos que fazer uma rápida transição para a agricultura moderna e uma economia industrial. E, para isto, necessitamos da nossa quota de água" (p. 231). Mais recentemente, a sua preocupação voltou-se para a exploração, pelos próprios índios, dos recursos naturais da reserva, notadamente do carvão, subitamente valorizado pela crise energética.

Enfim, os Navajo dispõem, hoje, de um chefe que esconde por detrás de seus óculos ray-ban seu colarinho branco, seus títulos de engenheiro e administrador, mais poder de lutar pela sua tribo do que os seus antigos heróis guerreiros.

O exemplo Navajo deve ser considerado pelos nossos indigenistas, pois, também, entre nós, os novos líderes, preferidos pelas nossas sociedades tribais, são aqueles que são capazes de entender o mundo dos brancos. Dos novos chefes indígenas não se espera movimentos de revitalização, como a "Ghost Dance" que vitimou Sitting Bull; nem mesmo que liderem os seus povos, como os antigos xamãs Tupi, em busca do paraíso terrestre. Pelo contrário, o que se exige deles é a capacidade de dialogar com os brancos e, com as armas destes, lutar em favor dos legítimos interesses de suas tribos.

É fácil entender que as reivindicações tribais não são muito diferentes, tanto ao Norte como ao Sul do Rio Grande, pois elas podem ser resumidas na plataforma de governo do moderno chefe Navajo: assegurar a terra e os seus recursos naturais para permitir o futuro de seu povo. Ao que acrescentamos: impedir que se transformem em bóias frias ou moradores de um soturno *slum.*